



Revista Eletrônica de Filosofia
Philosophy Eletronic Journal
ISSN 1809-8428

São Paulo: Centro de Estudos de Pragmatismo
Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Disponível em <http://www.pucsp.br/pragmatismo>

Vol. 16, nº. 2, julho-dezembro, 2019, p.193-205
DOI: 10.23925/1809-8428.2019v16i2p193-205

BOÊMIOS, COMO ELE

Lucrécia D`Alessio Ferrara

Professor titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica PUCSP
ldferrara@hotmail.com

Resumo: O objetivo desse artigo é refletir sobre fragmento de um texto de Peirce apresentado pelo prof. Nathan Houser, tendo em vista apreender as possíveis relações que se apresentam entre a dimensão social do conhecimento, a lógica triádica que preside as categorias da experiência em suas distintas dimensões e o exercício excêntrico da produção cognitiva.

Palavras-Chave: Epistemologia. Vida social. Produção do conhecimento. Categorias da experiência.

BOHEMIANS, LIKE HIM

Abstract: *The aim of this work is to reflect about a fragment of Peirce's text show us by Prof Nathan Houser and to grasp the possible between the knowledge social dimensions, the triadic logic which leads experience categories in their distinct dimension and the eccentric exercise of cognitive production.*

Keywords: *Epistemology. Social life. Knowledge production. Experience categories.*

* * *

No general description of the mode of advance of human knowledge can be just which leaves out of account the social aspect of knowledge. That is of its very essence. What a thing society is! The workingman, with his trade union, knows that. Men and women moving in polite society understand it still better. But Bohemians, like me, whose work is done in solitude, are apt to forget that not only is a man as a whole little better than a brute in solitude, but also that everything that bears an important meaning to him must receive its interpretation from social considerations.”¹

¹ Nenhuma descrição do modo como progride o conhecimento humano pode ser adequada se não levar em consideração o aspecto social do conhecimento. Essa é sua verdadeira essência. Que espécie de coisa é a sociedade? O trabalhador na sua profissão conhece isso. Homens e mulheres que atuam nas polidas sociedades compreendem isso ainda melhor. Mas boêmios como eu, cujo

1. Introdução: um texto boêmio

Esse artigo poderia ter como título: A Socialização de um Excêntrico ou a Inclusão de um Excluído. Mas, que é um excêntrico?

Essa é a pergunta que parece sustentar o texto apresentado por Nathan Houser em um seminário para estudantes ocorrido em 21 de outubro de 2018. O interesse do autor voltava-se para compreender um texto enigmático ou apresentar sobre ele uma possível, mas satisfatória hipótese explicativa. A afirmação que inspira o autor consiste em um fragmento, ainda inédito, de Charles Sanders Peirce e, possivelmente, produzido em torno de 1890. Esse texto apresenta, em seu núcleo de debate, a relação ou a tensão que se estabelece entre o privado e o público, na fronteira entre a teoria e a prática, na divisão do conhecimento produzido nos redutos da mente ou decorrente das provocações dos embates sociais.

Considerando que se trata de vadio fragmento errante entre inúmeros manuscritos de Peirce ainda inéditos, salienta-se que se deve tratar, conforme Houser, de texto disperso e escrito ao acaso, mas que apresenta a sutil relação que se pode encontrar entre a solitária produção de conhecimento e aquela inspirada por vínculos sociais. Nessa relação se encontra, talvez, a raiz que nos poderá ensinar como produzir conhecimento a partir de Peirce.

Contrariando a interpretação de que a condição social de Peirce era a de um outsider e que sua filosofia foi produzida à revelia dos seus vínculos sociais, Houser observa que há, no mínimo, algumas interpretações relevantes em relação à possível consideração que Peirce pode ter atribuído à conexão entre a produção do seu conhecimento e suas relações sociais.

Embora Willian James tenha considerado que a condição econômica levou Peirce a uma produção científica que se deu em solidão e à revelia dos seus vínculos sociais, outros comentaristas se dividiram entre qualificar o excêntrico Peirce como um boêmio ou dândi e, com isso, admitir a estreita e relação que se pode encontrar entre dados biográficos e a ciência produzida por um autor. Em todas essas interpretações, subjaz a frágil relação de causalidade que decorre de insuficiente observação do conjunto da obra em questão e considera que o fato biográfico constitui causa suficiente para considerá-lo elemento determinante dos seus efeitos.

Na sua breve interpretação, Houser se coloca em patamar oposto ao explicativo causal e pondera que Peirce, mesmo afastando-se do contato social ou selecionando suas relações sociais depois do seu isolamento em Millford, continuou a corresponder-se com os amigos do seu convívio anterior e afirma: *Joseph Ransdell and Torkild Thellefsen have each used this quotation to illustrate Peirce's doctrine that knowledge is essentially social. But what I like in particular about the*

trabalho se dá em solidão, são capazes de esquecer que, em solidão, um homem é pouco melhor que uma besta e que qualquer coisa que tenha significado para ele precisa receber a interpretação decorrente de considerações sociais (PEIRCE apud Houser, Nathan "Bohemians, like me" **Charles S. Peirce in his own words: 100 years of Semiotics, Communication and Cognition**, eds. Torkild Thellefsen & Bent Sorensen, Boston/Berlin: Walter de Gruyter, 2014, pp.137-44)

*quotation is that it seems to temper any overly-enthusiastic claim for the social character of knowledge.*²

Nesse sentido e relembando o antológico artigo Método de Fixação das Crenças (1877), o suposto fragmento, possivelmente rascunhado no período de 1890-1892, permite observar que, entre o método de autoridade e aquele outro considerado científico, existe a cisão entre vida e trabalho. Nessa divisão, encontram-se as instigantes perguntas que Houser parece repor para debate ou reflexão: 1) Como nascem as ideias, derivam do solipsismo boêmio ou do conflito entre homem e sociedade? 2) Que significa produzir ideias conforme o pragmatismo, trata-se de uma exigente premissa social ou de uma promessa teórica? 3) Se considerarmos que em toda produção de conhecimento existe uma instância de indeterminação heurística, seria possível admitir que o isolamento do outsider constitui o verdadeiro estímulo para a produção de conhecimento?

As respostas a essas perguntas encontram-se dispersas na arquitetura do texto de Nathan Houser, mas são suficientes para sugerir outras indagações suscitadas pelo texto boêmio de Peirce e, sobretudo, pela relação que o citado fragmento pode estabelecer com conhecidos elementos da sua obra e, sobretudo, com a reflexão que se pode propor entre distintos conceitos longamente estudados.

2. A reflexão boêmia de um excêntrico

Opondo-se ao desenho de uma figura excêntrica que o fragmento sugere, sabe-se que, para Peirce, o elemento social ocupa posição definitiva como elemento estimulante do conhecimento:

Two things here are all-important to assure oneself of and to remember. The first is that a person is not absolutely an individual. His thoughts are what he "is saying to himself" that is, is saying to that other self that is just coming into life in the flow of time.... The second thing to remember is that the man's circle of society (however widely or narrowly this phrase may be understood), is a sort of loosely compacted person, in some respects of higher rank than the person of an individual organism. It is these two things alone that render it possible for you- but only in the abstract, and in a Pickwickian sense - to distinguish between absolute truth and what you do not doubt. (CP. 5. 421)³

² Joseph RANSDELL e Torkild THELLEFSEN usaram essa citação para salientar o ponto de vista de Peirce sobre a natureza essencialmente social do conhecimento. Mas o uso que faço dessa citação tem como objetivo equilibrar qualquer asserção exagerada sobre o caráter social do conhecimento. (HOUSER, **Charles S. Peirce in his own words: 100 years of Semiotics, Communication and Cognition**, eds. Torkild Thellefsen & Bent Sorensen, Boston/Berlin: Walter de Gruyter, 2014, pp.137-44).

³ Duas coisas devem ser observadas e lembradas. A primeira consiste em observar que uma pessoa não é absolutamente um indivíduo. Seus pensamentos são "aquilo que diz a si mesmo, isto é, diz para o seu outro eu, o qual ganha vida no fluxo do tempo.... A segunda coisa a lembrar é que o círculo social do homem (não importa quão amplo ou estreito seja o modo como essa frase possa ser compreendida) é entendido como uma unidade vagamente compacta e, em alguns aspectos, de natureza superior a um organismo individual. São apenas essas duas coisas que lhe podem permitir

Para a filosofia de Peirce, os artigos **Como Tornar Claras Nossas Ideias e A Fixação das Crenças** constituem textos constantemente citados, porque se reconhece, neles, a abrangência das respectivas afirmações e a marca que os distingue do mundo iluminista, ao conjecturarem que o processo do conhecimento não é uma operação estritamente individual de um sujeito solipsista. Ao contrário, o conhecimento científico requer um esforço cooperativo entre distintas forças e é esse sentido de comunidade que faz com que Peirce se afaste da possibilidade do conhecimento imediato ou intuitivo, que seria comum para a ciência que se reconheceria como transcendente.

Recusando a possibilidade da intuição como instância produtora do conhecimento, Peirce entende que ele é falível e disponível a revisões, confirmações, correções ou rejeições por qualquer conhecimento que lhe seja subsequente: essa é a base de toda ciência entendida como experimental porque apoiada em teste de hipóteses, ou seja, toda percepção ou teoria deve ter como referência um ponto de partida hipotético, como ajuste necessário a qualquer acordo de opiniões indispensável para atingir a verdade.

Entretanto, o conhecido método de autoridade, que surge ao lado dos outros métodos de fixação das crenças, postula que o conhecimento deve fazer confluir todos os interesses individuais para um acordo consolidado pela própria instituição social da qual decorre sua proposição. Se confrontarmos o método de autoridade com o método científico verificamos que, no primeiro, se define a segurança da crença e a adesão ao seu conforto constitui obstáculo intransponível para a dúvida, ao mesmo tempo em que denuncia a crença como exercício de poder aceito e consentido:

The next step which is to be expected in a logical development not interrupted by accidental occurrences will consist in the recognition that a central authority ought to determine the beliefs of the entire community. (CP. 1.60)⁴

Haveria, portanto, entre a relevância do método de autoridade e o método científico a necessária fratura entre a crença e a dúvida, entre a segurança do que se sabe e a dificuldade ante aquilo que não se domina. Entre a crença estabelecida como acordo de opiniões e a dúvida como seu obstáculo, seria possível estabelecer a cisão entre a vida partilhada em sociedade e a solidão de um excêntrico? Nessa fratura haveria espaço para um antagonismo entre a crença e a dúvida, entre a realidade e a verdade científica estabelecida ou entre o existente que lidera a Secundidade e a pura qualidade de sentimento que subsiste na Primeiridade? Através da excentricidade e da boêmia, estaria garantido o espaço de liberdade para a procura do conhecimento, protegido da autoridade do social

– mas apenas em sentido abstrato ou Pickwickian, observar a absoluta verdade daquilo de que não lhe é permitido duvidar. (CP. 5. 421)

⁴ O próximo passo que podemos esperar em um desenvolvimento lógico e sem interrupções acidentais, consiste no reconhecimento de que a autoridade central deve determinar as crenças de toda uma comunidade. (CP. 1.60)

estabelecido? Quem é esse boêmio apontado por Peirce ou em que consiste aquela boêmia?

A possível resposta a essas questões nos encaminham para a consideração excêntrica do método científico em relação aos demais métodos que, ao contrário do primeiro, nos inclinam a pensar do modo como devemos pensar:

But with the scientific method the case is different. I may start to know and observed facts to proceed to the unknown; and yet the rules which I follow in doing so may not be such as investigation would approve. The test of whether I am truly following the method is not an immediate appeal to my feelings and purposes, but, on the contrary, itself involves the application of the method. (CP. 5.385)⁵

O confronto entre o texto da citação e sua diferença com o exercício de poder anunciado pelo método de autoridade, coloca em evidência que o anunciado acordo de opiniões supõe simetria entre todos os componentes da comunidade que partilham a crença acordada, caracteriza a reconhecida mediação que compõe a Terceiridade e observa que sua distinção com as demais categorias constitui, como se sabe, a irrevogável plataforma de irrefutabilidade que lidera a lógica triádica. Entretanto e embora a autoridade só se mantenha como crença, na medida em que supõe a total simetria entre sua formulação e a comunidade social que é, por ela, atingida, é necessário admitir que a redundância daquela simetria e sua consequente mediação constituem regra geral que se mantém como estatuto de norma e lei, como estabelece a característica transmissiva da Terceiridade. Entretanto, como essa categoria se articularia com a Secundidade que é lugar da tensão entre ação e reação e subjaz a todo antagonismo? Ou como se realizaria na Primeiridade? Ou esta última estaria isenta daquela rigorosa simetria e a correlata admissão de crenças e hábitos e isso lhe permitiria promover, portanto, a possível mudança de hábitos que estaria disponível na imediata dimensão de qualidade do puro sentimento?

Em texto notável publicado em 2017, Ivo Ibrí desenvolve extensa argumentação para propor uma possível dupla face de hábitos que diferem, conforme se trate daqueles casos liderados externamente pela Terceiridade ou, internamente, pela Primeiridade. Para tanto, entende como indispensável a necessidade de se reportar à diferença da natureza do tempo da experiência que ocorre no universo das categorias. Entretanto, não é apenas em relação ao tempo

⁵ Mas com o método científico a questão é diferente. Começo conhecendo e observando fatos desconhecidos e, no entanto, as regras que sigo ao fazê-lo podem não ser aprovadas em outras investigações. A regra que me permite seguir para saber se estou seguindo o mesmo método não é um apelo imediato da minha sensibilidade ou propósitos, mas ao contrário, exige também a aplicação do método. (CP. 5. 385)

que se pode apreender a importância da diferença para ser possível compreender a lógica tricotômica de Peirce.

Naquela diferença, a Secundidade surge como território de fronteira entre a simetria social da Terceiridade e a disponibilidade da Primeiridade como simples possibilidade. Território de reações, a secundidade atualiza o antagonismo que mantém a diferença entre aquilo que, na proposta de Ibrí, se apresenta como externo e interno ou como previsível e imprevisível, embora subsista à irrefutável lógica das categorias que preside aqueles predicados:

Thirdness it is true involves Secondness and Firstness, in a sense. That is to say, if you have the idea of Thirdness you have had the ideas of Secondness and Firstness to build upon. But what is required for the idea of a genuine Thirdness is an independent solid Secondness and not a Secondness that is a mere corollary of an unfounded and inconceivable Thirdness; and a similar remark may be made in reference to Firstness. (CP. 5.91)⁶

A irrefutabilidade daquela lógica tricotômica supõe, para cada componente, o exercício de um poder igualmente irrefutável, de sorte que as categorias não se negam, mas se diferenciam, conforme os respectivos papéis desempenhados para a inteligibilidade da ação tricotômica. Desse modo, se a terceira categoria supõe genuína mediação que caracteriza sua relação com a alteridade e define sua epistemologia, como entender o papel da vida social para as segunda e primeira categorias, na manutenção da sua relação com a terceira categoria? Ou seja, qual é a diferença que se estabelece entre os papéis das três categorias, tendo em vista a irrefutável mediação liderada pela terceira categoria?

Se a terceira categoria prevê indiscutível simetria entre hábitos e crenças, ela se caracteriza, enquanto hábito, por inegável relação imitativa, enquanto as segunda e primeira categorias se assinalariam pela diferença entre os respectivos papéis sociais, ou seja, em relação a elas, não caberia falar em mediação, simetria ou imitação. Como consequência assertiva, seria necessário admitir que a influência daquela social comunidade lhes estaria excluída ou seria traduzida por imprevisível arranjo de forças em inegável processo de semiose e transformação? Desse modo, como se distinguem as triádicas categorias, a fim de entendê-las como diferentes, embora logicamente compromissadas?

Como território de reações, a Secundidade encontra seu vetor ao preparar o desenvolvimento cognitivo de crenças e hábitos da Terceiridade mas, ao mesmo tempo, aponta para a emergência da simples possibilidade da Primeiridade. Desse modo, a Secundidade, além do território de reações sempre marcado pelos conflitos e antagonismos entre fatos e ações, assinala, também, a dimensão do realmente existente. Sua diferença em relação à terceira e primeira categorias está marcada pela complexa relação espaço-temporal que, em tempo presente, reduz a realidade

⁶ Sem dúvida, a Terceiridade supõe o sentido de Secundidade e de Primeiridade, ou seja, se temos uma ideia de Terceiridade, supõe-se que tenhamos uma ideia clara e independente de Secundidade, sem isso a Secundidade passa a ser apenas uma decorrência da Terceiridade e se torna infundada e inconcebível; semelhante observação pode ser feita, também, em relação à Primeiridade. (CP. 5, p.91)

ao irrecusável aqui e agora. Em consequência, seria possível admitir que as relações entre as categorias marcadas pelo tempo e o espaço assinalam, também, suas diferenças epistemológicas e respectivas atuações fenomenológicas?

3. A possível epistemologia de um texto boêmio

Se o realismo da Terceiridade aponta para a descontinuidade de hábitos que se desabitam e são ultrapassados, conforme se transformam as crenças que equilibram a mediação como norma de ação; é necessário admitir que essa categoria está compromissada com o descontínuo cronológico que torna possível constatar a relativa fragilidade das normas sociais e admitir que sua lógica interpretante está sujeita à frequência socialmente assumida. Observa-se, portanto, que a primeira hipótese apresentada como experimentação para esse trabalho apresenta forte justificativa, ou seja, a mediação social não constitui simples promessa teórica, ao contrário, assume-se como premissa para o desenvolvimento daquela teoria e sua epistemologia mediativa.

Opondo-se à contiguidade que se estabelece na correspondência entre crenças e hábitos que caracteriza a cronologia da Terceiridade, a irrefutável lógica do espaço e tempo da Secundidade se esgarça quando, logicamente relacionada com a imprevisibilidade, acaba por salientar a irrecusável unidade da Primeiridade.

Desse modo, parece adequado admitir que a Primeiridade distingue-se da Terceiridade porque, se não se reflete nas simetrias das mediações entre hábitos e crenças, também não reconhece as dicotomias espaço-temporais que situam a Secundidade, ao contrário, a Primeiridade é apenas possível e, portanto, sem limites que reconheçam a emergência das diferenças cronológicas da contiguidade da mediação entre crenças e hábitos ou o tempo/espaço sempre presentes que coordenam as reações e conflitos impostos pela realidade:

The most degenerate Thirdness is where we conceive a mere Quality of Feeling, or Firstness, to represent itself to itself as Representation. Such, for example, would be Pure Self-Consciousness, which might be roughly described as a mere feeling that has a dark instinct of being a germ of thought. (CP. 5.71)⁷

Desse modo, o tempo da Primeiridade não é propriamente interno, mas promessa de um contínuo sem medidas de tempo e extensão e essa diferença assinala que as categorias não se diversificam pela natureza das respectivas características espaço-temporais, mas estão em fronteira epistemológica que não as fazem refletirem-se ou repetir, mas elas se refratam enquanto coexistem e exigem serem consideradas nas diferenças que estabelecem entre mediação, existência e espontaneidade. Ou seja, as categorias são logicamente dependentes, mas distintas como fenomenologia?

⁷ A degenerescência da Terceiridade, que se nos apresenta como representação, é aquilo que concebemos como uma simples Qualidade da Sensibilidade ou Primeiridade. Por exemplo, a Pura Consciência de Si pode ser descrita como germe do pensamento, daí termos dele a grosseira e simples sensibilidade de um instinto fugaz. (CP. 5.71)

Nesse sentido, impõe-se perguntar como a Primeiridade se configura nas constantes do espaço e do tempo? Se observarmos que ela não se configura como imitação ou como singular presente espaço-temporal, somos levados a admitir que ela impõe a inteligibilidade de um contínuo que, desconfigurando a lógica que determina diferenças entre duração e extensão, não distingue o tempo e o espaço, mas sinaliza, para ambos, distintas consequências conceituais e, sobretudo, diferenças perceptivas notáveis:

The origin of things considered not as leading to anything, but in itself, contains the idea of First, the end of things that of Second, the process mediating between them that of Third. A philosophy which emphasizes the idea of the One is generally a dualistic philosophy in which the conception of Second receives exaggerated attention; for this One (though of course involving the idea of First) is always the other of a manifold which is not one. The idea of the Many, because variety is arbitrariness and arbitrariness is repudiation of any Secondness, has for its principal component the conception of First...Chance is First, Law is Second, the tendency of take habits is Third. Mind is First, Matter is Second, Evolution is Third. (CP. 6.32)⁸

A procura dessa inteligibilidade das relações entre as categorias está presente no artigo de Ivo Ibrí anteriormente citado, mas também é retomada nas perguntas desse trabalho suscitado pela interrogação de Nathan Houser em relação ao citado fragmento boêmio de Peirce. Ou seja, o irrefutável compromisso lógico que identifica as categorias, não dispensa o reconhecimento das diferenças que patrocinam aquela lógica. Nesse sentido, esse trabalho propõe entender não só aquilo que distingue, mas sobretudo o que aproxima as categorias como agentes cognitivos que atuam como diferenças. Essa paradoxal aproximação situa-se, por hipótese, nas consequências que estabelecem com a vida social, ou seja, as categorias estão logicamente compromissadas, mas diferem enquanto fenomenologia das decorrências da dimensão social que configura todo conhecimento.

As diferenças das características fenomenológicas e epistemológicas das categorias apontam para uma super-epistemologia, ou talvez ontologia, marcada pela clássica matriz do falibilismo e do indeterminismo como características do pragmatismo de Peirce:

Not only is our knowledge thus limited in scope, but it is even more important that we should thoroughly realize that the very best of what

⁸ A origem das coisas, consideradas nelas próprias e não como decorrências, contém a ideia de Primeiridade, o objetivo das coisas refere-se à Secundidade, o processo de mediação entre elas é a Terceiridade. A filosofia que enfatiza a ideia de unidade é, em geral, uma filosofia na qual a concepção de Secundidade recebe exagerada atenção; nessa concepção (que sem dúvida supõe a ideia de um primeiro) o único é sempre desdobramento de um segundo. A ideia de Multiplicidade, cuja variedade é arbitrária e repudia a Secundidade, apresenta, como seu fundamento principal, a concepção de um primeiro.... O Acaso é Primeiridade, a Lei é Secundidade, a tendência de produzir hábitos é Terceiridade. A Mente é um primeiro, a Matéria é um segundo, a Evolução é um Terceiro. (CP. 6.32)

we, humanly speaking, know (we know) only in an uncertain and inexact way.... But as long as we are aware of no such general phenomena tending to show continual inexactitude in law, then we must remain absolutely without any rational opinion upon the matter *pro or con*. (CP. 5.506)⁹

Embora a irrefutável relação comunicativa da alteridade no seu inexato ou incerto caminho aproxime a estrutura do conhecimento das características de qualidade que definem a Primeiridade, é necessário admitir que ela não se refugia na excentricidade, ao contrário, procura, no exercício da vida social, os parâmetros que lhe permitem testar hipóteses ou, possivelmente, corrigir caminhos ou inibir incertezas:

No communication of one person to another can be entirely definite, i.e., non-vague. We may reasonably hope that physiologists will some day find some means of comparing the qualities of one person's feelings with those of another, so that it would not be fair to insist upon their present incomparability as an inevitable source of misunderstanding. Besides, it does not affect the intellectual purport of communications. But wherever degree or any other possibility of continuous variation subsists, absolute precision is impossible. Much else must be vague, because no man's interpretation of words is based on exactly the same experience as any other man's. (CP. 5.506)¹⁰

O encontro comunicativo com o outro percorre, na tricotomia das categorias, distintas demarcações. Se a mediação define a matriz epistemológica que caracteriza a ação habitual demarcada pela recorrência e imitação transmissiva das crenças, é evidente que a relação social constitui signo que define a Terceiridade; a Secundidade, por sua vez, se caracteriza pelo encontro comunicativo feito de antagonismos e reações que assinalam o território espetacular do realmente existente; a Primeiridade, embora incerta e imprecisa, não dispensa, como vimos na citação, a comparabilidade como recurso corretivo do seu percurso. Entretanto, a lógica triádica faz com que essa comparabilidade em nada se aproxime das características de mediação da Terceiridade ou do teatro de reações da

⁹ Não apenas o âmbito do nosso conhecimento é limitado, mas é ainda mais importante que compreendamos perfeitamente o que de melhor sabemos; humanamente falando, sabemos de maneira incerta e imprecisa. Mas, enquanto não tivermos conhecimento de nenhum de tais fenômenos gerais, a lei tende a mostrar contínua inexatidão, então devemos permanecer absolutamente sem opinião racional alguma sobre o assunto, seja a favor ou contra. (CP. 5.587)

¹⁰ A comunicação entre pessoas não pode ser inteiramente definida, ou seja, não vaga. Podemos ter a razoável esperança de que um dia os fisiologistas possam encontrar algum sentido ao comparar as qualidades de sentimento de uma pessoa com as de outra, de modo que não seria justo insistir em sua incomparabilidade presente como uma fonte inevitável de mal-entendidos. Além disso, isso não afeta o significado intelectual das comunicações. Mas onde subsistem graus ou qualquer outra possibilidade de variação contínua, a precisão absoluta é impossível. É antes de tudo vaga, pois a interpretação das palavras de um homem não coincide exatamente com a experiência de outros homens. (CP 5.506)

Secundidade, ao contrário, assinala-se que o encontro da alteridade perfaz, na Primeiridade, o caminho da simples possibilidade comparativa, onde devem subsistir aproximações e diferenças. Ou seja, na Primeiridade, supera-se a simples transmissão da Terceiridade e a resposta reativa da Secundidade, para atingir a dimensão social que encontra, no outro, o desenvolvimento da contínua variação de possibilidades que, se identificando como interação, difere da transmissão e propõe outra dimensão comunicativa.

Desse modo, se de um lado, a imprecisão da interatividade relativiza a mediação e a reação que caracterizam, respectivamente, a Terceiridade e a Secundidade, de outro lado, aquela imprecisão apresenta a alteridade como simples promessa da vida social e nada se apresenta como premissa para fixação de crenças e hábitos ou se define como linearidade causal entre ações e reações. A Primeiridade substitui a premissa social da previsibilidade de hábitos e crenças ou a dualidade de ações e reações, pela simples possibilidade do diálogo que faz, da incerteza do múltiplo e da diferença social, a dimensão dialogante do encontro.

4. Conclusão: o conhecimento como alteridade

O diálogo como possibilidade da vida social abre outra dimensão para a compreensão do sentido do citado fragmento de Peirce e acabamos por perceber que texto e autor se confundem em boêmia, pois o primeiro, longe de ser errático ou vagabundo, abre outra dimensão para entender o papel da vida social na lógica para a produção do conhecimento que assinala o interesse do autor: *No general description of the mode of advance of human knowledge can be just which leaves out of account the social aspect of knowledge. That is of its very essence. What a thing society is.*¹¹

O aspecto social do conhecimento pode ser encontrado na clássica nomeação retomada por Peirce para definir os célebres tipos de raciocínio: dedução, indução, abdução:

Reasoning is of three types, Deduction, Induction and Abduction. In Deduction, or necessary reasoning, we set out from a hypothetical state of things which we define in certain abstracted respects.... Induction consists in starting from a theory, deducing from it predictions of phenomena, and observing those phenomena in order to see *how nearly* they agree with the theoryAbduction is the process of forming an explanatory hypothesis. It is the only logical operation which introduces any new idea, for induction does nothing but determine a value and deduction merely evolves the necessary consequences of a pure hypothesis. (CP. 5. 161 / CP. 5.170-171)¹²

¹¹ (PEIRCE apud HOUSER, Nathan "Bohemians, like me" **Charles S. Peirce in his own words: 100 years of Semiotics, Communication and Cognition**, eds. Torkild Thellefsen & Bent Sorensen, Boston/Berlin: Walter de Gruyter, 2014, pp.137-44)

¹² O raciocínio se apresenta de três modos, Dedução, Indução e Abdução. A Dedução como um raciocínio necessário, decorre de uma hipótese que definimos de modo abstrato.... A indução consiste em dar os primeiros passos que anunciam os fenômenos e, desse modo, dá o primeiro impulso para uma teoria, visto que, observando o fenômeno, pode perceber como ele pode estar próximo da produção da teoria... A abdução é o processo de produzir hipóteses explicativas. Ela é a

A citação deixa claro que os três tipos de raciocínio constituem um conjunto onde operam, em colaboração, o conhecimento e o pesquisador, aquilo que se domina e aquilo que é apenas vaga sugestão, o mediato e o imediato, a hipótese necessária, e aquela outra, apenas possível, a dedução e a indução, o conhecido e o cognoscível. Distintos horizontes, mas em evidente diálogo, visto que o raciocínio que comanda o conhecimento não pode prescindir das três etapas, embora cada uma delas constitua expressão de singulares procedimentos. Esse diálogo preside o conhecimento e constitui clara dimensão da consciência e do autocontrole.

Se a mediação condiz com a Terceiridade e faz-se expressão da prescrição de crenças e consequentes hábitos, o diálogo, ao contrário, é condição da interação, mas é simples e possível promessa de uma relação com a vida social e suas possíveis consequências para o conhecimento. Na célebre lógica triádica que constitui matriz para a filosofia de Peirce, as categorias são solidárias e inter-influentes, mas apenas conseguimos entendê-las desse modo, se percebermos as diferenças que as distinguem, e entendendo-as como diferentes representações:

Thus, we have in thought three elements: first, the representative function which makes it a *representation*, second, the pure denotative application, or real connection, which brings one thought into *relation* with another; and third, the material quality, or how it feels, which gives thought its *quality*. (CP. 5.290)¹³

Se as categorias de Terceiridade e Secundidade mantém uma relação de representação que as vinculam ao modo de ser da própria relação representada, a Primeiridade é apenas uma qualidade que, embora representada, é pouco expressiva, ou seja, a interação ocorre através dessa qualidade que, difusa, pode ser traduzida em múltiplas possibilidades que tudo prometem, e nada prescrevem ou representam. Na qualidade da Primeiridade, estamos em interativo diálogo possível e não necessário, manifestando-se, portanto, uma relação social que interfere na produção de conhecimento, mas não prescreve a submissão a modos de fixação de crenças e hábitos. Desse modo, o conhecimento revela sua capacidade de afastar-se daquilo que, constituindo hábito ou crença, inibe sua liberdade de produzir-se.

No citado texto de Ivo Ibrí é mencionada a estreita relação que se pode observar entre as características da Primeiridade de Peirce e o conceito de *haecceitas* desenvolvido por Duns Scott no século XIV. Ibrí relaciona aquele conceito à irregularidade e imprevisibilidade que caracterizam a Primeiridade. Talvez dentro dessa mesma linha de raciocínio, mas vinculando a Primeiridade ao contínuo de simples qualidades, apenas possíveis que caracterizam a interatividade dialogante do conhecimento, é possível entender que Ibrí, não só aproxima a

única operação lógica que introduz uma nova ideia, a indução nada traz de novo porque se reduz à determinação de um valor e a dedução consiste, apenas, em admitir a necessária consequência de uma pura hipótese. (CP. 5. 161 / CP. 5.170-171)

¹³ Então, temos no pensamento três elementos: primeiro a função representativa que produz a *representação*, segundo a pura aplicação denotativa ou a real conexão que leva o pensamento a estabelecer *relação* com um outro e, terceiro, a qualidade material ou se preferirmos aquilo que confere ao pensamento sua *qualidade* (CP. 5.290)

Primeiridade da *haecceitas* de Duns Scott, mas sobretudo, a entende como única, irrepetível e lábil, porque contínua e sem limites:

This habit is a generalizing tendency, and as such a generalization, and as such a general, and as such a continuum or continuity. It must have its origin in the original continuity which is inherent in potentiality. Continuity, as generality, is inherent is potenciality, which is essentially general. (CP. 6. 204)¹⁴

Além de Duns Scott, é possível aproximar a Primeiridade de Peirce do conceito de pré-individual proposto por Simondon (2015) para caracterizar a realidade do conhecimento e do indivíduo atingidos pela qualidade de potência do pré-individual simplesmente possível, mas capaz de ser individualizado socialmente:

El ser individuado lleva consigo um porvenir posible de significaciones relacionales a descubrir: es lo preindividual aquello que funda lo espiritual en el colectivo. Se podría llamar *naturaleza* a esta realidad preindividual que el individuo lleva consigo, buscando encontrar en la palabra naturaleza la significación que los filósofos presocráticos ponían en ella: los filósofos jonios encontraban el origen anterior a la individuación, de todos los tipos de ser: la naturaleza es realidad de lo posible...la naturaleza no es lo contrario del hombre, sino la primera fase del ser, siendo la segunda la oposición entre el individuo y el medio, complemento del individuo en relación al todo. (SIMONDON, 2015:388-389)¹⁵

É a irregularidade que precede toda singularização individual que permite aproximar os conceitos de Primeiridade como qualidade natural e o conceito de pré-individual. Cria-se, entre os dois conceitos, uma espécie de ressonância que nos leva a compreender que, sob os encontros e desencontros da vida social que leva à fixação de crenças e hábitos, encontra-se a possível compreensão do social como raiz do conhecimento. Gênese de dimensão indefinida e lábil, que parece permitir que o social seja atingido pela imponderabilidade de uma promessa que, em ressonância, comunga com a própria ordem da natureza:

¹⁴ O hábito é a tendência à generalização e, como tal, apresenta a continuidade daquilo que se repete. Isto pode ter como raiz a original continuidade daquilo que é inerente a toda potencialidade. A continuidade como generalidade é inerente à potencialidade do essencialmente geral. (CP. 6. 204)

¹⁵ O ser individuado leva consigo um futuro possível de significações relacionais para descobrir: é o pré-individual que estabelece o espiritual no coletivo. Poder-se-ia chamar *natureza* essa realidade pré-individual que o indivíduo leva consigo, procurando encontrar na palavra natureza a significação que os filósofos pré-socráticos lhe atribuíam: os fisiólogos encontravam nela a origem anterior da individuação de todos os seres; a natureza é *realidade do possível* ... a natureza não é o contrário do homem, mas a primeira fase do ser, e a segunda, a oposição entre o indivíduo e o meio, complemento do indivíduo em relação ao todo. (SIMONDON, Gilbert. 2015. **La individuación a la luz de las nociones de forma y de información**. Buenos Aires: Cactus)

The usual reply is that nature is everywhere regular; as things have been, so they will be; as one part of nature is, so is every other. But this explanation will not do. Nature is not regular. No disorder would be less orderly than the existing arrangement. It is true that the special laws and regularities are innumerable; but nobody thinks of the irregularities, which are infinitely more frequent.” (CP. 5.342) ¹⁶

Essa estranha ordem de irregularidades nos possibilita rever o conhecimento que, embora influenciado pela vida social, necessita afastar-se dela para poder vê-la na sua instigante irregularidade que permite inventar um modo excêntrico de conhecer, um conhecimento descentralizado e boêmio. O fragmento de Peirce consiste em um conselho epistemológico? Ou supõe um convite ao conhecimento?

As duas perguntas sugerem respostas. De um lado, aconselham a observar a dinâmica social mas, de outro, apresentam a promessa da heurística, estimulada pela qualidade dos sentimentos: *but it is the idea of putting together what we had never before dreamed of putting together which flashes the new suggestion before our contemplation* (CP. 5.181)¹⁷.

* * *

REFERÊNCIAS:

HOUSER, Nathan “Bohemians, like me” **Charles S. Peirce in his own words: 100 years of Semiotics, Communication and Cognition**, eds. Torkild Thellefsen & Bent Sorensen, Boston/Berlin: Walter de Gruyter, 2014, pp.137-44.

IBRI, Ivo. The Double Face of Habits- Time and Timeless in Pragmatic Experience. **Rivista di Storia Della Filosofia**. Milano/Italia nº3, 2017, pgs455-474.

PEIRCE, Charles Sanders. **Collected Papers**. Charles Hartshorne, Paul Weiss Arthur Burks. Cambridge Massachusetts: Harvard University Press 1931-1935 -1958, 8 vols

SIMONDON, Gilbert.2015. **La individuación a la luz de las nociones de forma y de información**. Buenos Aires: Cactus.

¹⁶ A réplica usual é que a natureza é sempre regular como todas as coisas têm sido ou como desejaríamos que fossem; todas as partes da natureza são semelhantes. Mas essa explicação não se efetiva. A Natureza não é regular. Nenhuma desordem poderia ser menos ordenada do que o arranjo existente. É verdade que leis especiais e regularidades são inumeráveis; mas ninguém pensa nas irregularidades que são infinitamente mais frequentes. (CP. 5.342)

¹⁷ Mas é a ideia de associar aquilo que nunca pensamos associar que faz brotar novas associações para contemplarmos. (CP. 5.181)